

ESTIMULAÇÃO DA AUTO-EXPLORAÇÃO NARRATIVA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO VOCACIONAL NA ADOLESCÊNCIA

Alexandra Ferreira

Universidade Lusófona do Porto

Teresa Barandela

Universidade Lusófona do Porto

Paulo Jesus

Universidade Lusófona do Porto

Resumo

Reconhecendo que a técnica de intervenção vocacional mais difundida implica uma “tarefa terapêutica” de exploração identitária e que a expressão simbólica da identidade pessoal é essencialmente narrativa, a presente investigação pretende avaliar a relevância e a eficácia da auto-exploração narrativa, numa amostra de adolescentes e jovens adultos em risco psicossocial. Os sujeitos, sinalizados com problemas de comportamento (21 indivíduos de ambos os sexos dos 12 aos 25 anos), foram remetidos para consulta psicológica em contexto escolar. Procedeu-se a entrevistas narrativas individuais e à exploração guiada dos construtos pessoais e das posições identitárias subjacentes à auto-interpretação narrativa. Seguiu-se, para uns, a repetição da entrevista após experiências significativas e, para outros, a comunicação narrativa em grupo com exercícios dialógicos de interpretação (em ambos os casos, discutiram-se interpretações alternativas e estimularam-se dissonâncias ideológicas). Assim, a intervenção centrou-se na transição cíclica entre conteúdos vividos e categorias de auto-interpretação. Detectaram-se vários padrões de auto-construção que conjugam diversos graus de rigidez e de plasticidade interpretativa bem como de integração e de disjunção semântica, verificando-se um efeito positivo do envolvimento em conflitos sócio-cognitivos para a exploração de novos padrões de auto-compreensão narrativa e para a optimização da intencionalidade projectiva.

Palavras-chave: identidade, narrativa, dialogismo, adolescência.

O desenvolvimento vocacional adquire pleno significado psicológico e psicossocial quando inserido no processo global de formação identitária. Assim, a construção singular das possibilidades de realização vocacional de um dado sujeito pertence à construção relacional, dinâmica e contextual das suas “trajectórias identitárias” ou à constituição de “se/ves” reais, ideais e possíveis. Ora, tais construções identitárias reflectem a apropriação de recursos semióticos em determinadas ecologias sócio-culturais e exprimem-se em produções discursivas, em projectos de acção e em tomadas de decisão. Noutros termos, o construtivismo opera sobre a saturação semiótica da experiência, sendo, sob este ângulo, indissociável do construcionismo social. Por conseguinte, o tipo de construtivismo em análise não é de índole “formal” (ao modo do estruturalismo de matriz piagetiana), mas antes profundamente “material” e semântico, isto é, nutre-se de conteúdos simbólicos adquiridos nas interacções sociais significativas. Quando tais conteúdos “cristalizam” e se tornam recorrentes, convertem-se, então, tipicamente, em esquemas auto-interpretativos, padrões auto-narrativos ou estilos de

auto-descrição, que singularizam cada sujeito como “atelier de trabalho semiótico reflexivo” co-extensivo ao seu ciclo vital (Baddeley & Singer, 2007; Kegan, 1982).

INTRODUÇÃO: IDENTIDADE NARRATIVA E DIALÓGICA

Enquadrando-se num referencial teórico e empírico que se centra no processo de produção linguística de sentido (Bruner, 1990) e concebendo a sua construção como sendo essencialmente uma co-construção (Gergen, 1992, 1994, 2009; Harré, 1998; Harré & Gillett, 1994; Parker 1998), tal como exemplarmente proposto no modelo de *Life designing* (Savickas et al., 2009, pré-elaborado em Guichard, 2005, e Savickas, 2005), a investigação aqui apresentada consiste na descrição de um espaço dialógico onde se formam e transformam narrações de “estórias” perlocutoriamente eficazes. Adoptámos ainda, como fio condutor, uma conceptualização discursiva e narrativa da personalidade que procura identificar os macro- e micro-processos, psicológicos e sócio-culturais, de prefiguração, configuração e refiguração narrativa da experiência (McAdams, 1996, 2006a, 2006b; Ricoeur, 1985, 1990). Do ponto de vista da intervenção, este tipo de abordagem fundamenta estratégias de promoção de mudanças significativas através da estimulação de possibilidades alternativas de organizar as relações entre o narrador, o autor e o protagonista, conduzindo à inovação narrativa (White, 2007; White & Epston, 1990).

No que concerne ao desenvolvimento do adolescente e do jovem adulto, deve reconhecer-se que o processo de construção identitária, tarefa desenvolvimental normativa desse momento do ciclo vital, pode ser analisado sob o signo do “desenvolvimento narrativo” (e.g. McLean, 2005; McLean & Pasupathi, 2010; McLean & Pratt, 2006). Com efeito, os conceitos de “crise identitária” (Erikson, 1968) e de “estatutos da identidade” (Marcia, 1966) são susceptíveis de expressão e de compreensão narrativa. A “crise identitária” exprime-se numa relação problemática de não-coincidência entre o narrador e o actor, correspondendo à abundância de narrativas episódicas fragmentárias e à ausência de conexões estabilizadas. Num contexto ou estádio de crise, o narrador despossuí o actor que se refracta numa diversidade de personagens não reconciliáveis, isto é, a narração não unifica a acção; daí resultando uma multiplicidade não-integrada de sujeitos e de sequências actanciais, uma multiplicidade sem unidade. Utilizando a metáfora bakhtiniana da “consciência dialógica” (Bakhtin, 1981), pode-se representar a “crise narrativa” como um espaço polifónico onde as vozes, ou linhas melódicas, se excluem e se contradizem sem se integrarem numa arquitectura dinâmica e harmónica. O narrador revela estranheza pelas alteridades internas que não consegue dotar de organização, sendo, portanto, ameaçado de alienação e de pulverização. A radical incompletude narrativa assinala o limite da competência narrativa do narrador que hesita entre a audácia insegura do experimentalismo e a prudência securizante da suspensão do acto narrativo, mostrando-se refém da ambivalência e da ambiguidade. Em termos narrativos, a “crise” consiste na morfogénese de novas estruturas narrativas, desencadeada ou intensificada pela evidência do desfasamento entre “vida” e “sentido” nas estruturas narrativas prévias, irreversivelmente desequilibradas por novas experiências que, sem uma inovação simbólica de fundo, se afiguram inenarráveis. É a força desestabilizadora de acontecimentos, transgredindo os hábitos hermenêuticos dos auto-esquemas cognitivos e mnésicos em vigor, que converte, de forma mais ou menos abrupta ou catastrófica, uma “estória de vida” numa pura cacofonia de narradores e de personagens irreconciliáveis e irreconhecíveis, incapazes de celebrar uma aliança narrativa. Por conseguinte, no que se refere à emergência da crise, constata-se sistematicamente que esta se associa à percepção de um défice de inteligibilidade nas conexões entre os acontecimentos vividos. A crise manifesta-se, amiúde, com uma declaração auto-irónica de que “tudo (a totalidade significativa anterior) passou a carecer de sentido”. Algo surge como uma região “selvagem” (Tengelyi, 2005), não-narrável, não-assimilável, no interior do regime semântico que governava a memória autobiográfica; donde decorre a vertigem de uma descontinuidade insolúvel que dinamiza a instituição de um novo ciclo narrativo. O “tarefa psicológica da crise” implica um investimento na constituição de uma nova ordem significativa e a recusa de uma rendição, passiva e incondicional, perante o absurdo aparente. Deste modo, torna-se “algo” narrável numa nova textura unificadora, desfaz-se e refaz-se a continuidade semântica da auto-representação, reorganiza-se a “estória-eu” num todo narrativo, sempre aberto, mas integrado e organizado. Face à incompletude narrativa inicial, a crise identitária corresponde à exploração e à redacção de “boas estórias” possíveis. A realização ou definição identitária resultam desse processo de redacção, ao passo que, em contraste, a confusão e a

hipoteca identitárias procedem da persistência de desequilíbrios e/ou disjunções entre o(s) autor(es), narrador(es) e actor(es). A confusão e a difusão identitárias exprimem-se através de relatos de acontecimentos anónimos, sem verdadeiro autor identificável e em que o narrador não é actor. A hipoteca apresenta o caso limite da alienação do narrador e do actor por um autor ou “destinador” exteriores.

As “fases de decisão de carreira”, descritas por Cochran (1991: 33-60), ilustram um modo de conjugar a construção narrativa de uma acção dramática com o processo de decisão vocacional que reproduz, numa espécie de mini-ciclo, o processo de definição identitária: 1. “incompletude” (*incompletion*), percepção de uma anomalia narrativa (crise, confusão, difusão, hipoteca, alienação, etc.), 2. “posicionamento” (*positioning*), exploração ou moratória, formulação de alternativas de vida, 3. “consolidação das posições” (*positing*) ou tomada de decisão, e 4. “completamento” (*completion*), assunção de um compromisso (*commitment*) estabilizador de uma identidade. O investimento de um jovem neste processo de auto-construção e de auto-interpretação assume um carácter particularmente intenso e fundador, sendo modelado por diversas variáveis, designadamente as metanarrativas culturais com as suas macro-categorias (como as de “actor”, “catástrofe”, “desfecho”, “tragédia”, etc.) e as características das redes sociais significativas onde o sujeito emerge como “narrador” de si próprio. Assim, o desenvolvimento identitário implica um dinamismo de aculturação: a aprendizagem de uma gramática narrativa e de um repertório de “boas histórias”, “*Gestalten* narrativas reguladoras”, que se assimilam, se ensaiam e se validam em performances relacionais discursivas quotidianas (Ochs & Capps, 2001).

OBJECTIVOS DO ESTUDO

Em consonância com algumas linhas heurísticas recentes (Matsuba et al., 2010; Pasupathi & Hoyt, 2009), o objectivo principal da presente investigação consiste em identificar as estratégias de desenvolvimento narrativo autobiográfico (identitário e vocacional) de adolescentes e jovens em risco psicossocial, a fim de avaliar a eficácia da estimulação da exploração auto-narrativa em termos de *empowerment* dos sujeitos.

A prossecução desse objectivo geral requer a discriminação dos objectivos específicos seguintes: a) identificar os estilos narrativos típicos e as ideologias pessoais dominantes em jovens em risco, b) relacionar as narrativas individuais com os meta-textos identitários de uma cultura ou de uma comunidade, c) situar o desenvolvimento narrativo nos contextos interpessoais e sociais, com suas práticas e discursos, d) avaliar os efeitos do tipo de “audiência” e do tipo de actividade dialógica de “co-construção” narrativa sobre o desenvolvimento da competência de inovação semiótica dos sujeitos, e) estabelecer comparações nas mudanças narrativas, verificadas intra- e inter-sujeitos ao longo do tempo, e, por fim, f) conhecer as condições da sua optimização.

METODOLOGIA

Instrumentos

Os sujeitos foram entrevistados, seguindo-se uma versão adaptada da *Life Story Interview*, desenvolvida originalmente por D. P. McAdams (1996), mas enriquecida com a sensibilidade construtivista de Grant e Johnston (2006) e pela regra de flexibilidade de Atkinson (2007). A entrevista visava fim de se poder identificar os temas e padrões que organizam a “estória de vida”, articulando a experiência passada (intriga narrativa global, *peak experience*, *nadir experience*, *turning-point*, decisão moral boa e má, memórias de infância positivas e negativas) com a imaginação do futuro (distinguindo-se o futuro real ou expectável, os futuros possíveis e o futuro ideal). A última secção do guião pretende relacionar as vivências com as suas interpretações, solicitando a exposição sistemática da “ideologia pessoal” do sujeito (sistema de valores religiosos, morais, sociais e políticos). Na condução da entrevista, procurou-se harmonizar um princípio de comparabilidade com um princípio de idiosincrasia, ou seja, a primeira formulação das questões era literalmente idêntica para todos os entrevistados, mas as questões suplementares pedindo um acréscimo de elaboração eram improvisadas a partir do próprio discurso do sujeito. Nas questões referentes à “ideologia pessoal”, recorreu-se, na fase

de pedido de aprofundamento, à técnica clássica da contra-sugestão para aferir a estabilidade dos esquemas cognitivos em análise.

Procedimentos

Ainda que com oscilações, segundo os sujeitos e as instituições, este projecto de investigação e de intervenção obedece à estrutura de um plano transversal-sequencial, tendo-se acompanhado ao longo de cerca de um ano um grupo heterogéneo de sujeitos dos 12 aos 25 anos. O procedimento básico comum a todos os sujeitos consistiu na observação directa (com o devido registo) dos seus discursos informais entre pares sobre projectos vocacionais e na realização de entrevistas narrativas com sua respectiva gravação áudio integral, gravação vídeo parcial, subsequente transcrição completa e análise qualitativa de conteúdo por três juizes (de forma primeiramente independente e, depois, cooperativa). O acordo inter-juizes, sistematicamente superior a 90%, foi avaliado no que se refere, por um lado, às categorias de construção narrativa (o que significa a discriminação do encadeamento dos episódios, identificando progressões, regressões ou declínios, repetições de ciclos, inovações ou rupturas e pausas) e, por outro, às categorias de auto-interpretação, auto-avaliação ideológica dos sujeitos (o que implica a compreensão da hierarquia de valores religiosos, morais, etc. e sua relação com atitudes e projectos). As entrevistas tiveram uma duração média de 1h30 e foram efectuadas nos gabinetes dos Serviços de Psicologia e Orientação dos estabelecimentos de ensino e/ou de formação profissional frequentados pelos sujeitos, em horário adaptado às suas obrigações lectivas. Posteriormente, em conformidade com o método dialógico de “auto-confrontação” (Hermans, 2004; Hermans & Kempen, 1993), a maior parte dos sujeitos aceitou participar em sessões dedicadas à discussão das suas interpretações “estóricas”, sendo assim confrontados com dissonâncias entre posições ideológicas ou identitárias, implícitas ou explícitas nas suas narrativas, e avaliando-se o grau e o sentido da mudança provocada pela reequilíbrio das posições. Para tal, o sujeito era convidado a envolver-se num processo de justificação das suas interpretações e de avaliação de interpretações alternativas, sugeridas quer por pares quer por um ou dois psicólogos coordenados para maximizarem os efeitos de dissonância e de contraste. As suas respostas foram analisadas utilizando a grelha de categorias supramencionadas, relativas à construção narrativa e à auto-interpretação.

Participantes

O grupo de sujeitos (N=21) dos dois sexos (M=12, F=9), entre os 12 e os 25 anos, frequentam três estabelecimentos de ensino diferentes (duas Escolas de Ensino Básico e Secundário e duas Escolas de Ensino Profissional na zona metropolitana do Porto, em áreas urbanas e semi-urbanas marcadas por problemas sociais ligados à pobreza, desemprego de longa duração, delinquência e toxicoddependência. Estes adolescentes e jovens adultos foram sinalizados pelos professores como sendo portadores de “problemas de comportamento” e baixas “competências sociais” (manifestando, por exemplo, indisciplina escolar, agressividade, impulsividade, dificuldades de aprendizagem, comportamentos de auto-mutilação). O primeiro contacto aconteceu, portanto, no contexto de uma intervenção psicológica e vocacional individualizada e converteu-se, com o seu consentimento, num programa prolongado de intervenção e investigação de cariz narrativo. A amplitude temporal do acompanhamento dos sujeitos apresenta variações, indo de 1 ano a 3 meses, em função da sua livre vontade. À luz dos seus percursos e contextos de desenvolvimento, estes sujeitos foram, justificadamente, considerados como encontrando-se em “risco psicossocial” e toda a exploração de auto-confrontos visou promover a compreensão de projectos de vida viáveis: “transições apoiadas” entre a escola e o trabalho, o presente e o futuro, ou seja, entre narrativas fragmentárias de disrupção e uma “estória” plena de sentido, onde o possível e o ideal (ainda em estado precário) converjam para uma integração eficaz (Cefedop, 2010).

RESULTADOS

A apresentação dos dados será feita de modo qualitativo e selectivo, ilustrando e interpretando as categorias narrativas e ideológicas de maior pregnância e pertinência na organização das “estórias de vida” e na manutenção de comportamentos sociais disruptivos.

Categorias narrativas: trajectórias de perda ou “estórias mutiladas”

O resultado singular mais saliente nas estórias de vida destes jovens em risco prende-se com a omnipresença de episódios estruturantes de “perda interpessoal”, por violência parental (e subsequente ambivalência e desvinculação afectiva), separação, abandono ou falecimento prematuro de um dos pais ou outros significativos. Todos os sujeitos referem pelo menos um episódio de “perda interpessoal” e a maior parte (80%) refere várias “perdas” que organizam, temática e processualmente, as transições e os desdobramentos essenciais da “estória de vida”. A referência a episódios de perda surge não só na descrição de acontecimentos negativos (como a *nadir experience* e a memória de infância negativa), mas igualmente na dos acontecimentos positivos, que, quase sempre, são investidos por uma tonalidade emocional “positiva” devido ao simples efeito de contraste (sendo o caso mais típico, o dos episódios pontuais de “reencontro” que reforçam a coerência de uma narrativa global de “perda”). A “perda” é, portanto, irreduzível a uma categoria de episódios; ela constitui o tema dominante, o sistema de posições e de relações entre as personagens, e o próprio dinamismo (des)estruturante da trama narrativa. O carácter do protagonista narrativo da “perda” define-se pela “vitimização” e pelo sentido de “excepcionalidade negativa”, marcada pela privação de “experiências normais”, embora se verifique que, de forma estratégica e prática, a adopção e o cultivo da “identidade de vítima” se torna uma forma de poder nas relações interpessoais e institucionais, justificando a reivindicação virtualmente contínua, ora latente ora manifesta, do direito a um tratamento diferencial. Sendo protagonizadas por uma “vítima”, um “herói trágico”, que não é verdadeiro sujeito mas objecto dos acontecimentos da narrativa, as estórias de perda são “estórias mutiladas”: carecem de narradores que sejam autores e de personagens que sejam autênticos centros de acção. Noutros termos, a percepção de “auto-eficácia narrativa” é residual, predominando uma crença de desposseção e de heteronomia, e o estilo atribucional relativo às “forças” que destinam o fluxo narrativo é tendencialmente contra-defensivo, combinando a percepção de culpabilidade com a de impotência (causas exteriores, instáveis e incontroláveis). De modo expectável, a passividade do herói trágico confirma e intensifica a sua tragicidade, tornando-o agente de auto-destruição.

A perda impõe-se, primeiramente, como vulnerabilidade que coloca o sujeito num processo narrativo de insuperável incompletude, pois os reencontros, onde a perda se supera e se resolve, permanecem experiências isoladas. A vulnerabilidade concretiza-se em trajectórias vinculativas desorganizadas e em vários padrões narrativos e atitudinais que dão sentido aos “problemas de comportamento”. Desses padrões típicos, destacam-se os seguintes nos sujeitos estudados: 1. o padrão inibido, hipoactivo, ansioso, com atitudes pró-depressivas, 2. o padrão de *acting-out* submisso (tipificado na afiliação a grupos de pares desviantes, consumo de substâncias e condutas auto-destrutivas) e 3. o padrão de *acting-out* dominante (tipificado na liderança de grupos de pares, na manipulação sócio-emocional, na impulsividade e agressividade). Como núcleo psicológico comum a estes padrões, encontra-se um funcionamento global de dependência, mimetizando diversos aspectos da perturbação de personalidade de tipo dependente e demonstrando, assim, uma reactividade excepcional a acontecimentos relacionais. Os comportamentos visam, em geral, efeitos relacionais positivos imediatos e a motivação para qualquer projecto de acção depende grandemente da representação saliente de tais efeitos.

O carácter “trágico” da narrativa de perda reside ainda no facto de aliar a incompletude ao fechamento, ou seja, de manter a imaginação na repetição narrativa cíclica da perda irreversível. Com efeito, os sujeitos só parecem iniciar a ruptura com o ciclo trágico da perda, quando constituem um passado para a “experiência de perda” e estabelecem um princípio de assimetria entre a repetição e a inovação (Cottraux, 2003). No entanto, a inovação narrativa não implica qualquer negação da perda nem qualquer desvinculação ou substituição do objecto de perda (como sugeria a teoria psicanalítica do luto como “decatexis”). A inovação, que inaugura a possibilidade de futuro, propõe, ao invés, uma reinterpretação do lugar do sujeito no ciclo da perda, passando a representar-se como agente activo de não-repetição e transformando a perda num recurso dinâmico para a progressão narrativa. Reconstruída no interior de uma trama narrativa redinamizada (Neimeyer, 2001), a lógica da perda e da interrupção relacional converte-se numa lógica da restituição e da reconciliação. A título ilustrativo, atente-se nas estratégias de três sujeitos diferentes para bloquearem a perpetuação do ciclo da perda, descritas nas *vignettes* clínicas seguintes e cuja narração corresponde ao momento de maior intensidade emocional na entrevista narrativa.

Excerto 1: “Falar com a mãe” (SM-25)¹

(SM-25 perdeu a mãe aos seis anos por falecimento, vítima do SIDA e da toxicod dependência, e foi então acolhido pelos avós e tios maternos. O pai constituiu nova família, tentou em vão obter a guarda do filho e as suas relações deterioraram-se durante a adolescência, período em que o sujeito recusou ter contacto com o pai, acusando-o de não ter salvo a mãe. Abandonou o ensino secundário para se tornar atleta profissional e traficar estupefacientes, mas, aos 20 anos, com um filho recém-nascido e uma vida familiar e económica estável, abandona, por sua vez, a companheira e o filho por ter provas da sua infidelidade. Volta a viver com os avós e desorienta-se completamente, passando de traficante a toxicod dependente e a delinquente perigoso. No clímax do seu declínio, comete tentativa de suicídio, a que se segue uma desintoxicação, nova relação conjugal, nascimento de um filho e procura de formação profissional. É, neste momento, apenas um ano depois da terapia de desintoxicação, que SM-25 foi entrevistado por duas vezes num período de seis meses, no local de formação.)

01 *Psi*: Qual é o seu projecto de vida para o futuro?

02 *SM-25*: Projecto... não sei, mas o meu sonho era ver outra vez a minha mãe...

03 Sei que é impossível. Posso parecer louco – mas é o meu sonho... (*pausa*)

04 Há uma coisa – também absurdo – nunca disse a ninguém

05 mas ajuda-me muito (*longa pausa*)

06 *Psi*: Quer explicar a que se refere?

07 *SM-25*: Falo muitas vezes com a minha mãe sobre a minha vida (*interrompe e chora*)

08 *Psi*: O que lhe diz? Pede-lhe conselhos?

09 Digo-lhe que, se fosse hoje, eu salvava-a.

10 Ninguém a salvou... Diziam que gostavam dela, mas não gostavam. Se gostassem...

11 Se gostassem, tinham feito tudo... mas ninguém... nem os meus tios nem o meu pai.

12 Todos a deixaram cair: os meus batiam-lhe quando ela fazia alguma coisa...

13 Vi a baterem-lhe como se bate a um homem. Se fosse hoje... (*pausa choro*)

14 (*subindo o tom de voz, rouco com as lágrimas*) Se fosse hoje, eu... **eu** (*com ênfase*)

15 não deixava ninguém tocar-lhe... mais tarde, apontei-lhes uma arma, compreenderam bem!

16 O meu pai andou sempre com outras mulheres... não queria saber... (*pausa*)

17 *Psi*: E a sua mãe responde-lhe? Têm verdadeiras “conversas”?

18 *SM-25*: Ela diz que sim! Ela sabe! Ela conhece-me...

19 Digo-lhe que não quero viver o mesmo. ...Que os meus filhos vivam o mesmo. Nunca!

20 Já fui um verdadeiro toxicod dependente... mas pensei: ela não queria isto!

21 Deu-me força... agarrei-me a ela... rezei a ela... Não se pode repetir!

(Assim, com a restauração imaginária da “relação”, a perda transforma-se em recurso desenvolvimental, que anima uma “compulsão de não-repetição narrativa”, motivando a entrada num novo ciclo de exploração identitária e vocacional. Noutras passagens, SM-25 revela plena consciência da transmissão geracional de “perdas”: sabe ter repetido a toxicod dependência da mãe e o comportamento de pai ausente. A retomada recente de contacto com o primeiro filho, com o pai e com o seu meio-irmão, assim como o investimento na formação, inauguram uma “narrativa da restituição”, ainda que incoativa. Também a certeza imaginária de que teria salvo a mãe representa uma reivindicação forte de “re-autoria” e de auto-eficácia narrativa que renega um autor impotente e dá fundamento a uma profusa actividade projectiva, optimista, dos futuros familiares e profissionais possíveis.)

Excerto 2: “Gostar de todos igual” (SM-16)

(SM-16 foi vítima de maus tratos graves, por parte do pai, e retirado da família biológica aos 4 anos, retendo imagens nítidas desse episódio, como o trajeto efectuado pelos veículos policiais a escoltarem-no até à esquadra. Esteve institucionalizado dois anos e, depois, foi entregue a uma família adoptiva. O comportamento escolar profundamente disruptivo e instável, incluindo auto-mutilação na sala de aula e mentiras constantes aos pais, motivou a preparação de uma surpresa, um reencontro festivo com a família biológica, planeado pela psicóloga e pais adoptivos, após doze anos de total ausência de contacto e a manifestação de interesse em contactá-los. A exploração de uma nova definição identitária foi estimulada em entrevistas subsequentes onde se tornou evidente a adopção de uma “narrativa de reconciliação”, num sujeito que se recusava, até então, a falar da infância.)

- 01 *Psí*: Como momento mais feliz da sua vida, qual foi o impacto que teve esse encontro?
- 02 *SM-16*: Foi uma surpresa! ... Eu cheguei lá e estavam todos à minha espera...
- 03 É bom saber que as pessoas gostam de nós e eu acho que posso gostar de todos igual!
- 04 Sei que o meu pai me batia e isso, mas já passou!
- 05 Posso gostar dele agora e quero vê-los mais vezes.
- 05 Antes pensava: “Ninguém gosta de mim! Abandonaram-me!” E não gostava de nada!
- 06 Depois daquele dia, penso: “Tenho uma grande família! São todos a minha família.”
- 07 Os meus pais [adoptivos] podiam pensar: “Agora conheceu os outros, vai querer deixar-nos!”
- 08 Não gosto mais de uns do que outros. Gosto de todos! E assim posso ser feliz!

(No seguimento deste episódio, a auto-imagem e o comportamento interpessoal de SM-16 alteram-se significativamente: “reconcilia-se” com a infância, integrando-a na sua estória de vida, “reconcilia-se” com a família adoptiva, denotando gratidão e sentido de pertença, “reconcilia-se”, enfim, com a escola, aumentando o rendimento escolar, suspendendo quase por completo o *bullying*, e solicitando acompanhamento vocacional individualizado.)

Excerto 3: “Gostar de todos igual” (SF-18)

(SF-18 encontra-se a terminar o ensino secundário, depois de uma interrupção de três anos para “ajudar a família”. A experiência da violência doméstica e da fragilidade física e psicológica da mãe levam-na a assumir precocemente funções domésticas e de co-maternidade relativamente ao serviço do pai e do irmão mais novo. A afiliação compensatória ao grupo de pares rompe-se ao assistir a uma morte por overdose, que estimula o regresso no sistema educativo e a busca de maior autonomia. A sua concepção, muito responsabilizante, do seu papel na família sofre uma metamorfose progressiva que consiste em interromper a sua repetição do padrão submisso materno e em construir uma alternativa para a sua missão de “cuidado familiar”: sair do ciclo narrativo e intervir a partir de fora!)

- 01 *Psí*: Vamos falar do futuro. Como imagina que será o seu futuro nos próximos anos?
- 02 O futuro... Eu acho que vai... eu espero que aconteça o que eu quero...
- 03 porque eu pensei em ir para a faculdade, só que enfermagem tem médias muito altas.
- 04 Acho que não vou conseguir, mas um sonho meu também, é ir para a tropa
- 05 e tenho o apoio dos meus pais, o apoio do meu irmão.
- 06 Do meu pai não tenho assim tanto...
- 07 porque o meu pai é: “Vais?! Não vais nada e não sei quê!” Não incentiva. Prontos!
- 08 A minha família dá-me toda apoio. Acho que vou conseguir entrar, se Deus quiser.
- 09 Acho que vou conseguir entrar. ... (*pausa*)

- 10 Se conseguir, acho que fico lá uns 6 anos, se conseguir aguentar.
11 Depois, se não tiver mais nada ali a fazer, inscrevo-me na polícia ou na GNR...
12 eu acho que é isso que vai acontecer, porque eu quero ter uma vida melhor
13 melhor do que a que minha mãe teve... que a minha mãe começou a trabalhar cedo...
14 começou... sofreu muito quando era nova...
15 e mesmo ela, não quer para mim o que teve, porque ela não teve sorte nenhuma...
16 e eu quero ter uma vida melhor para poder ajudar os meus pais também e o meu irmão...

(SF-16 revela um discurso onde opera uma polaridade acontecimento/acção: a lógica aleatória dos acontecimentos em oposição com a lógica intencional e estratégica das acções. Progressivamente, desvincula-se da “má sorte” que teve a mãe para desenvolver uma intencionalidade independente, almejando uma “profissão militar” que dá azo a um confronto simbólico com o pai, estimulante indirecto de individuação, pois ele teria “desistido da tropa por ser fraco”).

Categorias ideológicas: valores ambivalentes ou “estórias em espelho”

As narrativas são organizadas por posições ideológicas, axiológicas, que funcionam como esquemas meta-narrativos da “boa estória” ou do conceito de “felicidade”. Ora, é precisamente sobre este processo de meta-organização que pretende actuar a estimulação de exploração narrativa. O procedimento – individual e grupal – consistiu em evidenciar dissonâncias e desfasamentos no interior dos discursos narrativos e em procurar elucidar os seus pontos de ancoragem para que os sujeitos avaliem a necessidade de um reequilíbrio ou justifiquem os benefícios de uma eventual tolerância de incoerências formais. Surgiram duas situações típicas de conflito sociocognitivo: 1. entre “fidelidades ideológicas holísticas” em competição (em geral, entre valores inerentes à cultura escolar meritocrática, baseada no auto-controlo, na auto-disciplina e na produtividade intelectual, e valores promovido pelas sub-culturas juvenis globalizadas, apelando para a hipervalorização da imagem corporal e para o primado ético do hedonismo); 2. entre auto- e hetero-atribuições de intencionalidade, revelando, de forma expectável, uma tendência para enviesamentos ou assimetrias egocêntricos, beneficiando o narrador (por exemplo, com muita frequência, em diversos sujeitos, um mesmo tipo de comportamento era interpretado como “traição imperdoável”, quando efectuado pelo outro, mas era desvalorizado como “sem significado”, quando realizado pelo próprio). A activação de um espaço dialógico e especular para confrontar estas vozes mostrou uma multiplicidade de movimentos semióticos de co-construção transformadora, que não obedecem massivamente ao princípio da congruência e da coerência (ou da “equilíbrio majorante”), isto é, o desconforto cognitivo do “absurdo formal”, ao nível da cognição ideológica, é tolerado, porque recompensado pela intensificação identitária que, estrategicamente, opta pela contra-perspectiva e pela contra-expectativa. A eficácia da confrontação polifónica reside, então, sobretudo, no reforço da intencionalidade e da unicidade.

CONCLUSÕES

A continuidade do trabalho de produção de sentido – obedecendo ao imperativo cultural e psicológico de atribuir causas aos eventos e razões às acções – não implica cumulatividade, congruência ou progressividade no material semântico produzido, pois este demonstra sempre grande instabilidade e plasticidade estrutural. Deste modo, observam-se as mais díspares configurações na narração da experiência, nomeadamente as seguintes constelações simétricas: 1. repetição e inovação de sequências narrativas, 2. integração e ruptura diacrónica, 3. episódios descontínuos (estórias sem conexões entre eventos e sem desfecho ou, de modo similar, estórias que são permanentes justaposições de “inícios”) e encadeamentos percebidos como “necessários” (significando uma ausência), 4. personagens sem estórias (ou acções sem actores) e personagens “heróicas” que unificam todas as intrigas em que tocam, 5. predominância da despersonalização (autobiografias paradoxalmente narradas na forma neutra da 3ª pessoa do singular) ou perfeita fusão entre autor, narrador e actor

(resultando na ilusão de controlo total da narrativa e da acção). O objectivo teórico-prático geral desta investigação visava precisamente elucidar o modo como a forma narrativa e a matéria vivida se revelam indiscerníveis e se articulam para “construir sentido” através de relações interpessoais de co-narração: novas matérias vivenciais podem fazer explodir estruturas narrativas prévias e, simetricamente, novas vozes ou novas focalizações narrativas transformam a própria realidade narrável. Deve enfatizar-se a eficácia dos microprocessos interpessoais na co-construção de temas, padrões e rituais, mostrando grande diversidade segundo as ecologias concretas das trocas conversacionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos calorosamente às instituições e aos sujeitos envolvidos neste estudo pela sua generosidade no acolhimento e na partilha.

NOTAS

¹ A notação utilizada distingue o género e a idade do sujeito, salvaguardando o anonimato total: as siglas SM (sujeito masculino) e SF (sujeito feminino) são seguidas do número que representa a idade.

Referências

- 1 Atkinson, R. (2007). The life story interview as a bridge in narrative inquiry. In J. Clandinin (Ed.), *Handbook of Narrative Inquiry: Mapping a Methodology* (pp. 224-245). Thousand Oaks: Sage.
- 2 Baddeley, J., & Singer, J. (2007). Charting the life story's path: Narrative identity across the life span. In J. Clandinin (Ed.), *Handbook of Narrative Inquiry: Mapping a Methodology* (pp. 177-202). Thousand Oaks: Sage.
- 3 Bakhtin, M. (1981). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press.
- 4 Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- 5 Cefedop (2010). *Research paper 3. Guiding at-risk youth through learning to work: Lessons from across Europe*. Luxembourg: Publications Office of the EU.
- 6 Cochran, L. (1991). *Life-shaping decisions*. New York: Peter Lang.
- 7 Cochran, L. (1997). *Career counseling: A narrative approach*. Thousand Oaks: Sage.
- 8 Cottraux, J. (2003). *La répétition des scénarios de vie: Demain est une autre histoire*. Paris: Odile Jacob.
- 9 Erikson E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- 10 Gergen, K. J. (1992). *The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- 11 Gergen, K. J. (1994). *Relationships and realities: Soundings in social construction*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- 12 Gergen, K. J. (2009). *Relational being: Beyond self and community*. Oxford: OUP.
- 13 Grant, E., & Johnston, J. (2006). Career narratives. In M. McMahon & W. Patton (Eds.), *Career counseling: Constructivist approaches* (pp. 110-122). London: Routledge.

- 14 Guichard, J. (2005). Life-long self-construction. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 5, 111–124.
- 15 Harré, R (1998). *The singular self: An introduction to the psychology of personhood*. London: Sage.
- 16 Harré, R. & Gillett, G. (1994). *The discursive mind*. London: Sage.
- 17 Hermans, H. J. (2004). The dialogical self: Between exchange and power. In H. J. Hermans & D. Dimaggio (Eds.), *The dialogical self in psychotherapy* (pp. 13-28). Hove: Routledge.
- 18 Hermans, H. J. & Kempen, H. J. (1993). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego: Academic Press.
- 19 Kegan, R. (1982). *The evolving self: Problem and process in human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- 20 Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status, *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- 21 Matsuba, M. K. et al. (2010). Re-storying the lives of at-risk youth: A case study approach. In K. McLean & M. Pasupathi (Eds.), *Narrative development in adolescence: Creating the storied self* (pp.131-149). New York: Springer.
- 22 McAdams, D. P. (1996). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. New York: Guilford.
- 23 McAdams, D. P. (2006a). *The person: An integrated introduction to personality psychology* (4th ed.). New York: John Wiley & Sons.
- 24 McAdams, D. P. (2006b). *The redemptive self: Stories Americans live by*. New York: Oxford University Press.
- 25 McLean, K. (2005). Late adolescent identity development: Narrative meaning making and memory telling. *Developmental Psychology*, 41, 4, 683-691.
- 26 McLean, K., & Pratt, M. (2006). Life's little (and big) lessons: Identity status and meaning-making in the turning point narratives of emerging adults. *Developmental Psychology*, 42, 4, 714-722.
- 27 McMahan, M. (2006). Working with storytellers: A metaphor for career counseling. In M. McMahan & W. Patton (Eds.), *Career Counselling: Constructivist Approaches* (pp. 16-29). London: Routledge.
- 28 Neimeyer, R. (Ed.) (2001). *Meaning reconstruction and the experience of loss*. Washington, DC: APA.
- 29 Ochs, E., & Capps, L. (2001). *Living narrative: Creating lives in everyday storytelling*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- 30 Parker, I. (1998). *Social constructionism, discourse and realism*. London: Sage.
- 31 Pasupathi, M. & Hoyt, T. (2009). The development of narrative identity in late adolescence and emergent adulthood: The continued importance of listeners. *Developmental Psychology*, 45, 2, 558-574.
- 32 Raggat, P. (2006). Multiplicity and conflict in the dialogical self: A life-narrative approach. In D. P. McAdams, R. Josselson, & A. Lieblich (eds.), *Identity and story: Creating self in narrative* (pp.15-35). Washington, DC: APA.

- 33 Ricœur, P. (1985). *Temps et récit 3: Le temps raconté*. Paris: Seuil.
- 34 Ricœur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil.
- 35 Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. London: Sage.
- 36 Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counselling: putting theory and research to work* (pp. 42–70). Hoboken, NJ: Wiley.
- 37 Savickas, M. et al. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 3, 239-250.
- 38 Tengelyi, L. (2005). *L'histoire d'une vie et sa région sauvage*. Grenoble: Millon.
- 39 White, M. & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. NY: Norton.
- 40 White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. NY: Norton.